



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## TESTEMUNHO E NARRATIVA EM *LA CONSAGRACIÓN DE LA PRIMAVERA DE ALEJO CARPENTIER*

Dernival Venâncio Ramos\*

Marina H. Ertzogue\*\*

1

Em *O poder simbólico*, Pierre Bourdieu discorre sobre figuras de grande autoridade no que diz respeito à produção da ordenação social. Se pensássemos a partir dessa ideia, nas sociedades tradicionais, o velho, o xamã, o griot seriam algumas dessas figuras “investidas da mais alta autoridade” (BOURDIEU, 1984, p.114). Nas sociedades contemporâneas, muito desse poder se encontra na figura do escritor.

Vários autores como Antonio Candido (2000), Doris Sommer (2009) e Roberto Gonzalez Echeverría (2001) defendem que a literatura, na América Latina e no Caribe, está revestida de grande autoridade social. Como exemplo, Gonzalez Echeverría (2001) afirma que o romance surgiu como imitação do discurso do poder social, radicado em certos textos de grande legitimidade, como é o caso de textos jurídicos e científicos. Os homens das leis e os cientistas – com destaque para os naturalistas e os antropólogos –

---

\* Doutor em História pela Universidade de Brasília. Professor do Curso de História e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins.

\*\* Doutora em História pela Universidade de São Paulo. Professor do Curso de História e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins.

foram figuras socialmente reconhecidas como produtoras de um discurso “poderoso”, vinculado àquilo que é assumido como verdade.

## **A narrativa da Revolução Cubana**

Ao promoverem mudanças nos sistemas sociais, políticos e econômicos das sociedades, as revoluções provocam rupturas nos sistemas de sentido. Os símbolos e monumentos derrubados – às vezes, literalmente – perdem seu apelo, seu poder organizador das representações e as memórias coletivas; as narrativas, por sua vez, são desestabilizadas; outros relatos têm de ser elaborados para dar sentido à realidade do acontecimento e orientar os homens na ordenação do mundo social. (RÜSEN, 2001).

Como afirma Edward Said (1995), uma das maneiras de lidar com os problemas do presente é o retorno ao passado. No caso em questão, como afirma Adriana Mendes Rodenas (2002), em uma aparente concordância com Rüsen, a narrativa que surgiu após a Revolução Cubana se constitui

[...] una respuesta al profundo sentido de cuestionamiento de la identidad nacional cubana provocado por los cambios y convulsiones traídos por el gobierno de Fidel Castro emprende la re-escritura de la historia de Cuba desde la perspectiva ofrecida por el triunfo del ejército rebelde. (RODENAS, 2002, p. 96).<sup>1</sup>

A resposta a que se refere a autora parte da necessidade de definir (novos) sentidos para uma sociedade que quer narrar um novo começo em termos socialistas:

O comunismo [...] proclamou-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele, até mesmo aqueles que rejeitavam suas pretensões de superioridade estavam longe de serem convencidos de que ele não pudesse triunfar. (HOBSBAWM, 2004, p. 62)

A clarividência comunista, contudo, esbarrou-se no fato de que inicialmente a Revolução Cubana não era socialista. Portanto, qualquer explicação que não leve em

---

<sup>1</sup> Tradução livre: Uma resposta ao profundo senso de questionamento da identidade nacional cubana provocado pelas mudanças e convulsões trazidos pelo governo de Fidel Castro; ela empreende a re-escrita da história de Cuba a partir da perspectiva oferecida pelo triunfo do exército rebelde.

conta a sua conversão ao socialismo depois de 1961 pode revelar que a clarividência comunista não deu conta inicialmente de mitigar as prementes necessidades de sentido que a derrubada de Batista colocou. Surgiu um ciclo narrativo, que envolveram romances e contos, chamado por Rodríguez Coronel (1986) de “narrativa da Revolução Cubana” e a qual Ambrósio Fornet afirma ter produzido mais de 260 obras ficcionais. Exemplos são *La situación* de Lisandro Otero, de 1963, *Los niños si despiden*, de 1968, *El pan dormido* de José Soler de 1975 e *La consagración de la primavera* [*La consagración a partir de agora*] de Alejo Carpentier, de 1978.

A Revolução não impactou apenas *dentro* de Cuba. Os fatos de 1959 e 1961 ultrapassaram as fronteiras nacionais e as literárias como testemunham obras como dos historiadores Eric Williams, Cyril Lionel Robert James (CLR James) e do ensaísta Juan Bosch. Segundo Hobsbawm (2004, p. 426),

a vitória do exército rebelde (cubano) foi genuinamente sentida pela maioria dos cubanos – e caribenhos – como um momento de libertação e infinita promessa [...] uma vez na vida, a revolução foi sentida como uma lua-de-mel coletiva. Aonde iria levar? Tinha que ser a um lugar melhor.

A Revolução Cubana está inserida na história caribenha, mas alguns parecem se esquecer. Naqueles anos começara o Caribe a viver um intenso processo de descolonização político, com as independências de Barbados, da Jamaica, de Trinidad y Tobago, de Suriname, das Guianas.

Nesse contexto de mudança política e social, uma série de narrativa foram sendo elaboradas, projetando interpretações para a Revolução Cubana e para o seu lugar na história geral do Caribe. Nos dez anos seguintes 1959, foram publicadas em vários partes do Caribe ou no exílio obras como *De Cristobal Colón a Fidel Castro: El Caribe, frontera imperial*, do dominicano Juan Bosch, em 1969 e *Colombus to Castro: The history of the caribbean*, do trinitário Eric Williams, em 1971. Antes desses livros, o historiador trinitário-tobagense CRL James publicou um pequeno ensaio intitulado “De Toussaint Louverture a Fidel Castro”, que aparece, na edição brasileira, como prólogo de *Os jacobinos negros*. Se acrescentarmos a esses textos *The pleasure of exile* do barbadiano George Lamming, podemos perceber a essas obras como parte da tentativa das sociedades

caribenhas de produzirem orientação, de narrarem para si mesmas os eventos de 1959 e o seu turbulento contexto político.

Elas não apenas “incluem” a Revolução na história do Caribe, mas estabelecem um *continuum* entre esses feitos e outros eventos da história caribenha, como a Revolução Haitiana e a chegada de Cristóvão Colombo. No retorno ao passado que elas promovem um dos motes foi a Revolução Haitiana, inscrita como precedente histórico da Revolução Cubana, possibilita o estabelecimento de uma relação entre aquelas quatro obras e outras narrativas do mesmo período. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, autores como Aimé Cesaire, Edouard Glissant, o próprio Alejo Carpentier, entre outros, haviam escrito sobre reiteradamente sobre a Revolução Haitiana. Segundo Maria Oyama (2009), eles marcaram o Haiti como o “lugar” da identidade caribenha. Mas em Bosch, Williams e James, Cuba passa a ocupar o lugar que antes foi do Haiti e de *sua* revolução. De um modo geral, como afirma o escritor barbadiano George Lamming (1996, p. 107), a Revolução de 1959 reorganizou a história caribenha e significou “uma resposta [...] à ameaça imperial que Próspero concedeu como uma missão civilizadora”.

4

O lugar dessas Revoluções, nessas narrativas, é, do ponto de vista político, a resistência ao imperialismo, promessa de um novo momento histórico. De um ponto de vista cultural, Haiti e Cuba são territórios de identidade caribenha, o lugar onde essa nova histórica teria começado a ser escrita. Muitas dessas obras descrevem os acontecimentos de 1959, de modo minucioso. Mas o que gostaríamos de argumentar é que elas mais que representar, significam esses eventos. São, portanto, menos pintura que narrativa.

### ***La consagración* na narrativa da Revolução**

Dentro dessa narrativa, *La consagración* é um texto “tardio”. Talvez seguindo o que afirma no ensaio “La novela e la história”, onde Carpentier diz que para escrever um grande romance é preciso ter um certo afastamento temporal dos acontecimentos, uma vez que a escrita não pode ser imediata: “Los conflictos más terribles, las revoluciones más dramáticas, las guerras más cruentas, sólo alimentan novelas – cuando las alimentan

– de modo retrospectivo, por proceso de reconstrucción, examen y evocación” (CARPENTIER, apud SERRANO, 2008, p. 26)<sup>2</sup>.

Segundo o crítico cubano Ambrósio Fornet (2008), Carpentier vinha trabalhando desde de meados da década de 1960 em um livro chamado *El 1959* e também dizia estar escrevendo um livro de memória. Mas o aparecimento do livro autobiográfico de Pablo Neruda *Confesso que viví* em 1974 teria levado Carpentier a redefinir o projeto e escrever *La consagración*, um romance testemunhal para ele. O poeta chileno, ao se referir à participação de intelectuais latino-americanos na Guerra Civil Espanhola, afirma que Carpentier, na juventude, não era capaz de nenhum tipo de posicionamento político. O ataque a seu comprometimento político teria levado Carpentier a afirmar que *La consagración* era sua “novela más ambiciosa y larga”, “la más política, resuelta y decididamente revolucionaria.”

É oportuno, contudo, situar a obra no contexto cubano, nos dez anos anteriores à sua publicação. Em 1968, teve início uma série de atritos entre os intelectuais cubanos e o governo revolucionário. Esses conflitos continuam nos anos seguintes e levam ao que se conhece como Caso Padilla em 1971<sup>3</sup>. O poeta Heberto Padilla, ao revelar seu desencanto com os rumos da Revolução Cubana em seu livro *Fuera del juego*, foi preso e obrigado a se retratar publicamente. Na ocasião, um manifesto de ruptura com a Revolução foi assinado por um grande número de intelectuais internacionais, tais como Octavio Paz, Susan Sontag, Jean Paul Sartre, Carlos Fuentes, Julio Cortazar, Mario Vargas Llosa.

Nos anos seguintes, muito intelectuais cubanos seguiram para o exílio e ajudaram desgastar a imagem internacional da Revolução Cubana como promessa de um novo começo na história caribenha (MISKULIN, 2009). Em 1980, cerca de milhares de dissidentes cubanos emigraram para os Estados Unidos (MARQUES, 2008). Com base nesses acontecimentos, acreditamos possível levantar outra hipótese sobre *La*

---

<sup>2</sup> Tradução livre: Os conflitos mais terríveis, as revoluções mais dramáticas, as guerras mais cruentas, apenas alimentam novelas – quando alimentam – de modo retrospectivo, por processo de reconstrução, examen e evocação.

<sup>3</sup> Para saber mais sobre o desgaste político interno cubano na década de 1970, ver MARQUES, Rickley Leandro. A condición Mariel. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia: CECAB, v. VIII, n.16, p. 473-506, jan./jun. 2008.

*consagración*. Ela é uma intervenção deliberada no debate sobre a Revolução que estava posto desde o caso Padilla, sete anos antes.

### **Testemunho e performance biográfica em *La consagración***

Àquela altura, Carpentier já era um dos escritores latino-americanos mais lidos e apreciados. Sua obra, relacionada ao chamado *boom*, estava sendo publicada ao redor do mundo, e fatos de sua vida eram conhecidos pelo grande público leitor ocidental, latino-americano e caribenho. Não podemos esquecer que a obra em questão foi lançada um ano depois de o autor ter sido premiado com o Cervantes, o mais prestigiado da língua espanhola, em 1977. Ao visitar Madri, onde publicou *La consagración* no ano seguinte, ele deu uma entrevista na Radiotelevisão Espanhola, no programa *A fondo*. Na uma hora de entrevista, ele fala de sua vida, obra e sua postura política. Acreditamos que nesse programa, ele estava fornecendo aos leitores chaves de leitura para a obra que ele publicaria dali a um ano.

*La consagración* narra as vicissitudes de Enrique, um jovem arquiteto cubano, e Vera, uma jovem bailarina russa. O enredo tem início quando Vera decide visitar seu amante Jean-Claude, um intelectual francês, brigadista da Guerra Civil Espanhola. Na Espanha, Vera conhece Enrique, então exilado em Paris pela ditadura de Machado. Com a derrota na Guerra e a morte de Jean-Claude, os dois se reencontram em Paris e passam a viver uma intensa paixão. A Segunda Guerra Mundial os obriga a viajar a Cuba. Algum tempo depois, Enrique se instala na Venezuela, só retornando a Cuba a tempo de participar da batalha da Praia Girón, que é referida por Bosch (1985, Tomo II, p. 390) como o início do mundo novo:

Ese día caían en manos de las fuerzas cubanas los últimos grupos de expedicionarios. La batalla de Cuba había terminado, y con su final comenzaba en el Caribe una nueva época histórica. La vieja frontera imperial, que había quedado rota para los imperios europeos en el siglo XIX y había sido reconstruida por los Estados Unidos en el siglo XX, quedaba deshecha definitivamente en Cuba el 19 de abril de 1961<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Tradução livre: Nesse dia caíam nas mãos das forças cubanas os últimos grupos de expedicionários. A batalha de Cuba havia terminado e com seu final começava no Caribe uma nova época histórica. A velha fronteira imperial, que havia sido quebrada para os impérios europeus no século XIX e haviam

Ferido nessa batalha, Enrique reencontra, no hospital, Gaspar, antigo companheiro da Espanha, cantor e também ex-brigadista. Depois da vitória do exército cubano contra os invasores, Gaspar afirma, extasiado, que finalmente haviam vencido a batalha iniciada em 1936, na Guerra Civil Espanhola. A batalha pela *revolução*.

A narrativa perpassa acontecimentos marcantes do século XX (a Revolução Russa, que expulsou Vera de seu país; a Guerra Civil espanhola, que os uniu; a Segunda Guerra Mundial, que os leva a Cuba), para finalmente focar-se na Revolução Cubana.

Segundo Fama (1994), na construção da narrativa de *La consagración*, o uso de elementos que podem ser entendidos como biográficos é notável. Enrique, personagem e um dos narradores, possui uma trajetória muito semelhante à de Carpentier: ambos foram exilados por Machado; ambos viveram em Paris e na Venezuela; as datas de suas idas e vindas entre Cuba, França e Venezuela coincidem; a crítica de Henrique às vanguardas artísticas europeias é a mesma que havia sido feita por Carpentier há trinta anos. Há muitos elementos no texto que os leitores identificariam como biográficos e que parecem estar no livro para serem reconhecidos como biográficos, como partes de uma estratégia narrativa deliberada. O próprio autor dá vazão a essa ideia:

Es evidente que el personaje principal soy yo, superado por el simple carácter autobiográfico. Más que la vida que he vivido, podría ser la vida que por mí, es decir, el conjunto de las vidas que han vivido las esperanzas, las tragedias de este siglo con sus revoluciones, con sus guerras de las que he sido testigo: todo lo vivido que ha atravesado mi vida para llegar a la ficción novelesca. (CARPENTIER, apud ARIAS CAREAGA, 2008, p. 7)<sup>5</sup>

Uma busca rápida sobre os comentários de leitores mostra que eles aceitam sem problematizar essa interpretação da obra. Eliades Acosta Matos (2006, n. p.) afirma que *La consagración* é a obra de Carpentier “más autobiográfica y militante.” Para o brasileiro Marcelo Gonzalez Fagundes (2006, p. 5), “Carpentier escreveu *La consagración da la*

---

sido reconstruídas pelos Estados Unidos no século XX, ficava desfeita definitivamente em Cuba em 19 de abril de 1961.

<sup>5</sup> Tradução livre: É evidente que o personagem principal sou eu, superado pelo simples caráter autobiográfico. Mais que a vida que vivi, podia ser a vida que por mim, quer dizer, o conjunto das vidas que viveram as esperanças, as tragédias deste século com suas revoluções, com suas guerras, das quais fui testemunha: todo o vivido que atravessou minha vida para chegar à ficção romanesca.

*primavera* [...] que representa, a partir do personagem Enrique, a sua experiência no decorrer da vida, da vivência na Guerra Civil Espanhola às reflexões sobre a natureza da Revolução Cubana”. Esses fatos “biográficos” estão ligados à estratégia narrativa que Carpentier movimenta na obra e que consiste no que chamamos de *performance* biográfica. Os elementos ficcionais e “biográficos” são uma estratégia usada por Carpentier para produzir um “efeito de real” – usando as palavras de Barthes (1984) – e fazer surgir um lastro realista para o discurso positivo sobre a Revolução que o livro constrói.

Para aclarar a argumentação sobre o que chamamos de *performance* biográfica, vamos recorrer a Gabriel García Márquez, que usou elementos “biográficos” em várias de suas obras, inserindo seus amigos e parentes, bem como a si mesmo, em *Cien años de soledad* e *La increíble y triste historia de la cándida Eréndira y su abuela desalmada*. O caso mais evidente disso está no conto de Eréndira, no qual o leitor começa por seguir um narrador em terceira pessoa. De repente, García Márquez, o autor, irrompe dentro do texto, toma a voz do narrador e afirma:

Las conocí por esa época, que fue la de más grande esplendor, aunque no había de escudriñar los pormenores de su vida sino muchos años después, cuando Rafael Escalona reveló en una canción el desenlace terrible del drama y me pareció que era bueno para contarlo. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2004, p. 125)<sup>6</sup>

A seguir, García Márquez declara que, durante uma viagem à fronteira entre a Colômbia e a Venezuela, com seu amigo e escritor Álvaro Cepeda Samúdio, se encontrou com a personagem Eréndira. Também no caso de García Márquez a *performance* biográfica foi tomada como verdadeira por Dasso Saldívar (2005), um de seus biógrafos, que afirmou estar ali a origem da literatura de García Márquez. A viagem, que teria ocorrido por volta de 1948, seria um “retorno à origem”, já que dessa fronteira provinha a família García Márquez, e lá ele teria encontrado os fios que lhe permitiram escrever *Cien años de soledad*. García Márquez contesta a afirmação de Saldívar em *Vivir para*

---

<sup>6</sup> Tradução livre: as conheci por essa época, que foi a de maior esplendor, ainda que não haveria de escudrinhar os pormenores de sua vida senão muitos anos depois, quando Rafael Escalona revelou em uma canção o resultado terrível do drama e me pareceu que bom para conta-lo.



*contarla* (2005), dizendo que apenas em 1982 ele conheceu a região onde o conto está ambientado.

Pensar a *performance* biográfica a partir do autor de *Cien años de soledad* é interessante, porque, sem sombra de dúvidas, ele é o escritor latino-americano e caribenho mais famoso do século XX e um dos mais conhecidos do mundo. García Márquez é, em grande parte, responsável pela emergência da figura do escritor como profissional que vive do que escreve, sendo uma figura chave para a autonomia do campo literário na América Latina e Caribe. Assim, essa estratégia narrativa está ligada à autoridade do “escritor” latino-americano e caribenho como uma figura vinculada à produção da verdade social. Antes do *boom* e de García Márquez seria impossível pensar que um romancista, no imaginário social, lograria riquezas e fama e se tornaria uma figura pública de grande interesse.

O uso estratégico de elementos “biográficos” em obras ficcionais não é algo inventado por Alejo Carpentier, mas sim uma estratégia retórica utilizada por outros autores caribenhos. Ela está ligada não só à profissionalização do escritor latino-americano e caribenho, mas também à sua emergência como figura socialmente capaz de vincular um discurso poderoso sobre a realidade social. É o que ocorre com Carpentier em *La consagración*, ao lançar mão de fatos “biográficos” para dar um lastro social de verdade ao texto. Esse lastro se estabelece porque o discurso da biografia estabelece uma conexão com a experiência. É um discurso que se quer “testemunhal” como afirma Ruth Kluger (2009).

*La consagración* nesse sentido é muito mais um documento de *significação* que de representação. Testemunha mais a disputa simbólica em torno da Revolução ocasionada a partir do caso Padilla do que os acontecimentos de 1959. Nesse sentido, ela retoma e reelabora em um momento crítico para o significado libertário que a revolução tivera para a geração que vivenciou o 1959. Por isso, é mais *performance* biográfica que testemunho o que Carpentier oferece nesta obra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIAS CAREAGA, Raquel. Estudo preliminar. In: CARPENTIER, Alejo. *El arpa y sombra*. Madrid: Akal, 2008.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 131-136.

BOURDIEU, Pierre. *Poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1984.

BOSCH, Juan. *De Cristobal Colón a Fidel Castro: El Caribe frontera imperial*. Madrid: Sarpe, 1985. 2v.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARPENTIER, Alejo. *La consagración de la primavera*. Barcelona: Plaza y Janes, 1997.

FAGUNDES, Marcelo Gonzalez. Intenções literárias: Alejo Carpentier e a Revolução Cubana. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 12. Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Marcelo%20Gonzalez%200Brasil%20Fagundes.pdf>

FAMA, Antonio. Narración y historia en *La consagración de la primavera*, de Alejo Carpentier. In: CENTRE DE RECHERCHES LATINO-AMÉRICAINES/ Université de Poitiers. *Coloquio internacional: el texto latinoamericano*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1994.

FORNET, Ambrosio. “Carpentier o la consagración del espacio testimonial”. Lamore, Jean (Org.) *Espaces d’Alejo Carpentier*. Bourdaeux: Presses Universitaires Bourdaeux, 2004.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *La increíble y triste historia de la cándida Eréndira y de su abuela desalmada*. Barcelona: Grijalbo Mandadori, 2004.

\_\_\_\_\_. Gabriel. *Vivir para contarla*. Barcelona: DeBolsillo, 2005.

GILMAN, Cláudia. *Entre la pluma y el fuzil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XX, 2003.

GONZALEZ ECHEVERRÍA, Roberto. *Mito y archivo*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LAMMING, George. *The pleasures of exile*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1996.

KLUGER, Ruth. Verdade, mentira e ficção em autobiografias e romances autobiográficos. *Em primeira pessoa*. São Paulo: ANNABLUME/FAPESP, 2009.

MARQUES, Rickley Leandro. A condición Mariel. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia: CECAB, v. VIII, n.16, p. 473-506, jan./jun. 2008.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução*. São Paulo: Alameda, 2009.

MATOS, Eliades Acosta. *Alejo Carpentier y la defensa de la República Española*. Rebelión. Espanha, 05/072004. Disponível em: <http://www.rebellion.org/hemeroteca/spain/040605ale.htm>

OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. *O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

RAMOS, Dernival Venâncio. A invenção do Caribe como contracultura e a Revolução Cubana. *Revista Brasileira do Caribe*, v. VIII, n. 16, p. 459-471, 2008.

RODENAS, Adriana Mendes. *Cuba en su imagen: historia e identidad en la literatura cubana*. Madrid: Verbum, 2002.

RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. Um diálogo com a história: romance e revolução. In: LEITE, Ligia Chiappini Moraes; AGUIAR, Flavio Wolf de. *Literatura e história na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. *La novela de la Revolución Cubana*. La Habana: Letras Cubanas, 1986.

RUSEN, Jörn. *Razão histórica*. Brasília: Editora UnB, 2001.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALDIVAR, Dasso. *García Márquez: el viaje a la semilla – La biografía*. Madrid: Ediciones Folio, 2005.

SERRANO, Julio Travieso. Estudio preliminar. In: CARPENTIER, Alejo. *Los pasos perdidos*, Madrid: Akal, 2008.

SOMMER, Doris. Pelo amor e pela pátria: romances, leitores e cidadãos na América Latina. In: MORETTI, Franco. *A cultura do romance*. São Paulo: Cosacnaify, 2009. p. 309-334.